

METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE FILOSOFIA UMA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL

METHODOLOGIES APPLIED TO TEACHING PHILOSOPHY A POSSIBLE EXPERIENCE

Eliza Menezes de Lima¹

Elemar Kleber Favreto²

Resumo: O ensino de Filosofia costuma ser muito questionado, principalmente por ser considerada uma área do conhecimento com várias abordagens, onde muitos caracterizam como mera opinião, sendo, dessa forma, considerado inútil para o ambiente escolar e para o cotidiano. É exatamente sobre essa dimensão que esse trabalho se debruça, apresentando como as aulas de Filosofia são percebidas e como algumas discussões e metodologias podem mudar essa visão. O foco desse trabalho é o ensino de Filosofia, principalmente quanto aos seus aspectos metodológicos e a disposição de recursos pedagógicos que possam acrescentar significado aos alunos. Além disso, também procuramos observar questões importantes sobre a realidade da comunidade escolar onde esse tipo de ensino está inserido, colocando em discussão uma questão bastante em voga no meio filosófico: o que ensinar? O ensino da história da filosofia ou o filosofar? Esse questionamento é crucial, uma vez que, definido o ponto de partida, pode-se, então, traçar um planejamento eficaz, trabalhando, como tentamos mostrar no relato de experiência docente no final do trabalho, modos diferenciados de compreensão de mundo. Esse artigo parte, portanto, de uma análise bibliográfica, de modo a enumerar os vários apontamentos teóricos sobre o tema, e de um estudo de caso, onde é abordado o modo como o ensino de Filosofia é e poderia ser praticado em sala de aula.

Palavras-chave: Metodologia, ensino de filosofia, realidade escolar.

Abstract: The teaching of Philosophy is often questioned, mainly because it is considered an area of knowledge with several approaches, where many characterize as mere opinion, and, therefore, it is considered useless for the school environment and for the daily life. It is precisely on this dimension that this work is concerned, presenting how Philosophy classes are perceived and how some discussions and methodologies can change that vision. The focus of this work is the teaching of Philosophy, mainly regarding its methodological aspects and the provision of pedagogical resources that can add meaning to the students. In addition, we also seek to observe important questions about the reality of the school community where this type of teaching is inserted, putting into question a very important issue in the philosophical environment: what to teach? Teaching the history of philosophy or philosophizing? This questioning is crucial, since, starting from the starting point, one can draw an effective planning, working, as we try to show in the report of teaching experience at the end of the work, different modes of world understanding. This article therefore starts from a

¹ Escola Estadual Monteiro Lobato – SEED – eliza.lima128@hotmail.com

² Universidade Estadual de Roraima – UERR - elemar@uerr.edu.br

bibliographical analysis, in order to enumerate the various theoretical notes on the subject, and from a case study, where it is approached the way in which the teaching of Philosophy is and could be practiced in the classroom.

Keywords: Methodology, philosophy teaching, school reality.

INTRODUÇÃO

A experiência de sala de aula pode ou não ser proveitosa ao aluno, dependendo da atenção que ele dispensa para o que se passa naquele momento, sendo que o aproveitamento da aula pelo estudante também depende muito do professor. Aquele que ensina precisa de um planejamento claro e consistente do conteúdo, além de um cronograma de como o disponibilizará no decorrer do ano letivo. Entretanto, mesmo com planejamento ainda pode faltar algo de suma importância no contexto educacional: a aplicação de uma metodologia adequada à disciplina.

A metodologia empregada pelo professor influencia amplamente na maneira como o aluno absorve o que está sendo transmitido, de modo a auxiliá-lo na construção do seu próprio conhecimento. A metodologia aplicada pode tanto facilitar como dificultar o entendimento do conteúdo e, por isso, deve ser pensada com antecedência, de modo a proporcionar clareza e distinção no momento das aulas. Pensar uma metodologia que esteja na perspectiva do educando pode mostrar melhores resultados, mostrando que o professor não é um “sabedor de tudo”.

Quando se trata de práticas e instrumentos pedagógicos, é um erro comum entre os professores do Ensino Médio pensar que essas práticas e instrumentos devem ser aplicados exclusivamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o que acaba influenciando muito na perspectiva que esse professor tem sobre a sua própria técnica.

A respeito disso, imaginemos dois professores, um de Matemática e outro de Filosofia. Se a prática pedagógica a ser aplicada para cada aula não for prioridade, como, então, podemos pensar nesses professores ministrando suas aulas com o mesmo método? Engana-se, nos dias atuais, quem pensa que um quadro branco e um pincel resolve todo o problema, pois o material/recurso didático não determina a metodologia e didática que serão utilizadas. O mesmo quadro branco que serve como papel de rascunho para cálculos, pode servir como pano de fundo para um vídeo, um mapa conceitual ou até mesmo um desenho. Em todas as opções, os professores terão o

mesmo material/recurso para ministrar suas aulas, a diferença é como esse material/recurso será utilizado.

O bom emprego do material/recurso que se tem, por vezes, é mais importante que a quantidade desses. E quando se trata do ensino de Filosofia isso fica mais evidente, pois, em certos momentos e locais, o material/recurso que se imagina trabalhar não é o que se tem disponível (como exibir vídeos em localidades com frequente falta de energia?). Mesmo que imprevistos sejam inevitáveis, o condicionamento ao uso de apenas um material/recurso didático pode ser danoso, pois ainda que ele pareça seguro, pode tornar-se maçante e prejudicar a aprendizagem dos educandos.

Trabalhar certos conteúdos da Filosofia com alunos do Ensino Médio pode ser tão complexo ou tão simples como trabalhá-los com graduandos, e o que auxilia, realmente, é justamente o planejamento adequado, aquele que unirá a teoria e a prática, ou seja, a metodologia de ensino-aprendizagem.

Esse trabalho tem por objetivo apresentar a necessidade de metodologias específicas para a Filosofia, levando em consideração a realidade da comunidade escolar. Nesse sentido, ele está dividido em duas partes: a primeira, baseada numa análise bibliográfica, busca discutir as várias questões teóricas que envolvem o tema; a segunda, baseada em um relato de experiência, busca demonstrar um pouco da vivência que tivemos trabalhando na Escola Estadual Desembargador Sadoc Pereira, em Alto Alegre (Estado de Roraima), onde foram desenvolvidas variadas metodologias de ensino de Filosofia, observando a realidade em que a escola estava inserida e partindo, principalmente, da necessidade de cativar os alunos para o que era ensinado. Assim, levamos em consideração que, apesar de adolescentes, o que chamava a atenção dos alunos dessa escola para as aulas era muito diferente do que chamava a atenção dos alunos das escolas públicas de Boa Vista (capital do Estado de Roraima).

Assim, esse trabalho, que tem como um dos objetivos apresentar um relato da experiência, ganha novas proporções, pois pode servir para chamar a atenção dos professores de Filosofia para a importância da constante renovação do pensamento, da metodologia e dos materiais/recursos didáticos para o ensino.

ENSINO: TEORIA E METODOLOGIA

A partir do momento em que a Filosofia torna-se obrigatória no Ensino Médio brasileiro, a relação entre ela e seu ensino passa a ser uma discussão necessária. Perguntas sobre os métodos e as metodologias de ensino-aprendizagem, que tenham em vista as concepções de Filosofia e de prática profissional dos professores, tendem sempre a aparecer.

Pensa-se muito sobre o quanto a Filosofia é teórica, e algumas vezes isso se reflete na maneira como o próprio professor pensa a disciplina. O fato de a Filosofia ser uma área de conhecimento teórica, não implica que as aulas precisem ser igualmente teóricas. A teoria (conteúdo) e a prática devem caminhar sempre juntas, pois na falta de uma, a aula pode se tornar redundante e cansativa, não auxiliando na construção do conhecimento.

As aulas de Filosofia devem respeitar o legado que a própria História da Filosofia deixou. Pensar que a Filosofia é uma disciplina apenas especulativa e trabalhar metodologias voltadas para problemas sociais cotidianos, buscando, para isso, recursos didáticos sem o apoio de conteúdos filosóficos, é um grave erro. Quando cometido, banaliza a própria Filosofia, minimizando suas discussões a questões que não possuem o devido embasamento teórico. Por isso, as metodologias não devem ser usadas apenas como atrativo para o aluno, mas como suporte para um aprendizado mais eficaz. Da mesma forma, quando se pensa na Filosofia como um amontoado de textos, que devem ser trabalhados apenas através de leituras exaustivas, também não há contribuição para o aprimoramento educacional do aluno. Um é complemento do outro, e sem materiais/recursos didáticos e uma metodologia bem desenvolvida, a Filosofia se apresenta como uma teoria distante da realidade do aluno, dificultando, portanto, a compreensão do conteúdo e do próprio mundo.

O que evita o desgaste ou a banalização da Filosofia é a metodologia que o professor utiliza. Essa metodologia não precisa estar diretamente ligada aos recursos didáticos, mas deve ser uma mescla de planejamento e recursos que auxiliem na compreensão do conteúdo, tornando-o mais próximo do estudante. Quando o professor prioriza o aluno, sua aula torna-se muito mais construtiva. A priorização aqui não se trata de trabalhar os conteúdos que o aluno considere bons, mas pensar na aula como um mecanismo para que ele interaja com o conteúdo, extraindo daí o conhecimento.

Por vezes, o professor se prende ao planeamento anual, e acaba por se esforçar apenas para cumprir os prazos, a quantidade de conteúdos e as atividades avaliativas propostas, sem priorizar o conhecimento que esse aluno construirá com esses conteúdos ao final das aulas. É importante que haja preocupação com os prazos e conteúdos ao cumprir o planeamento, mas que eles não sejam os únicos guias que o professor utilizará em suas aulas, pois o ensino deve unir teoria e prática, embasada em metodologias que possam alcançar o aluno de uma forma que ele não só apreenda o que lhe está sendo transmitido, mas vá além, construindo o seu próprio saber.

Quando o professor deixa de se preocupar com o ensino/aprendizagem e foca apenas nos resultados obtidos por meio de provas, testes, simulados e trabalhos, ele está quantificando o conhecimento, tendo como ponto de partida o seu próprio conhecimento sobre o conteúdo. O ensino-aprendizagem deve ser quantificado para fins estatísticos, mas priorizar essa base de cálculo como a única verdade válida sobre o conhecimento obtido pelo aluno é errôneo e perigoso. Ao reduzir seu conhecimento apenas às notas, pode-se contribuir para o distanciamento do aluno da disciplina e da possibilidade de construção de novos conhecimentos.

Ressaltamos, com isso, que nota e conhecimento podem não necessariamente estar lado a lado. O aluno pode conseguir assimilar o conteúdo, mas pode não se sair bem em uma avaliação escrita; ou ainda, ele pode se sair excepcionalmente bem numa prova, e ter, na verdade, decorado o conteúdo, sem necessariamente assimilá-lo. Nota e conhecimento só devem estar juntos uma vez que um quantifica o outro, mas a nota não pode ser o único critério para que o professor conclua se houve aprendizado e produção de conhecimento ou não. É justamente nesse ponto que voltamos a falar sobre a importância de um planeamento que possa unir teoria e prática, ou seja, que possa relacionar o conteúdo, os materiais/recursos pedagógicos e a metodologia, pois um professor que prepara, para cada aula, um material/recurso diferente pode, além de chamar a atenção de seus alunos quando propõe algo novo, alcançar a grande maioria deles, já que apresentará o conteúdo de maneiras diferenciadas. Ele também pode utilizar-se de vários recursos para a avaliação, tirando da prova escrita, por exemplo, o papel central na verificação da assimilação do conteúdo.

Portanto, o ensino deve ser pensado para o aluno, considerando suas limitações, dificuldades e facilidades, e as avaliações precisam ser feitas de maneiras diferentes a fim de alcançar a todos os estudantes, e não apenas a uma pequena parcela deles.

ENSINAR FILOSOFIA

Geralmente, a primeira pergunta que os alunos costumam fazer em uma aula de Filosofia é: “pra que serve a Filosofia?”, ou então: “o que é filosofar?”. Para responder a essas questões, pode-se passar algum tempo mostrando diferentes definições sobre uma pergunta e outra. Mas, a verdade é que quanto mais tenta-se definir, mais se exclui um ou outro aspecto importante do conceito. Palacios (2007, p. 2) faz um apontamento muito útil sobre isso, dizendo que “[...] o problema com as definições de filosofia é que são ou muito abrangentes, e tudo incluem, ou muito restritas, e excluem mais do que deveriam”. Com isso, resta ao professor sempre a mesma pergunta: O que ensinar? Ou ainda, o que seria o correto ou apropriado: ensinar a História da Filosofia ou ensinar a filosofar?

Quando se trata do ensino de Filosofia essa é uma dúvida que ainda paira sobre os professores, pois o que seria precisamente ensinar a filosofar? Se essa ação for definida como uma discussão metódica sobre algum tema, uma aula que leve os alunos a filosofar poderia ser desenvolvida. Mas se o ato de filosofar for uma característica exclusiva do filósofo, não é possível levar os alunos a tal ação. E se uma aula for pensada apenas pelo viés da história, é possível ensinar toda a filosofia seguindo a linha cronológica?

Talvez esse seja justamente o ponto mais alto do ensino de Filosofia: o que realmente ensinar? Palacios (2007) diz que a Filosofia é indefinível, isso porque ela é uma atividade peculiar que se forma exatamente a partir das circunstâncias, o que dificulta um agrupamento ou classificação, mas não impede sua caracterização. Ele diz ainda que a caracterização possível “[...] não pode deixar de fora a história. Não pode, sem dúvida, esquecer que, seja lá como a filosofia for feita, ela se faz no tempo, na história, em determinadas condições, em circunstâncias específicas” (PALACIOS, 2007, p. 2). Isso implica dizer que para ensinar a filosofar é necessário passar pela história da Filosofia.

Pensando a partir daí, é possível fazer um planejamento que mescle problemas filosóficos, ou problemas que já pertenceram à Filosofia, e que ainda permitam serem usados como ponto de partida para ensinar a filosofar, com a história da Filosofia, que muitas vezes é utilizada como meio de localização temporal para os alunos. Isso porque alguns problemas filosóficos atravessaram muitas épocas até serem “resolvidos”, influenciando, desse modo, diversas Escolas posteriores ou até mesmo novos problemas. Além disso, existem problemas que não geraram grandes discussões com o tardo dos anos, sendo esquecidos pela história. Além disso, não podemos esquecer que a história da Filosofia sempre se deteve em problemas, e que determinada resolução não impede que surjam novos problemas, nem tampouco que essa solução seja revista, o que permite que, ainda hoje, continuemos estudando problemas que permeiam a própria história da humanidade.

Há de se considerar que um “[...] problema se torna filosófico não por algum motivo misterioso, mas pela nossa impossibilidade de resolvê-lo com os conhecimentos e procedimentos que num determinado momento histórico conhecemos e dominamos” (PALACIOS, 2007, p. 4), e é sobre essa característica que é permitido, tanto trabalhar a história da Filosofia, como ensinar a filosofar em sala de aula.

A Filosofia é um campo aberto, que não obriga ninguém a pensar somente sob a ótica cronológica, mas se abre a diversas maneiras possíveis. É claramente possível trabalhar a Filosofia através de temas, que podem ser selecionados a partir das diversas épocas e Escolas, permitindo, assim, um maior debate com os alunos, pois estes problemas podem servir como ponto de partida para a formulação de novos, bem como de soluções propostas por eles próprios. Também é possível, a partir de um determinado tema, trabalhar a própria história da Filosofia, fazendo o aluno percorrer as trilhas deixadas de um determinado problema na linha temporal.

Há diversas maneiras de se ensinar o mesmo conteúdo, tanto quanto há outros caminhos para se percorrer no ensino da Filosofia. Acreditamos que trabalhar problemas/temas filosóficos e utilizar a história da Filosofia para situar o aluno, buscando os desdobramentos desse problema, seja uma das melhores maneiras de planejar uma aula, mas discordamos que essa seja a única. É crucial investigar os educandos antes que se comece uma aula, pois os fatos descobertos nessa investigação podem decidir o caminho a ser tomado, já que a ignorância, como condição do

indivíduo que não conhece, pode dar condições de apresentar uma “saída” do não conhecimento. Para Palacios (2007, p. 6) “[...] filosofa-se, em primeiro lugar, para fugir da ignorância”, mas o ignorante, nem sempre possui consciência de que existe a possibilidade de solucionar certos problemas, o que não é necessariamente algo negativo, uma vez que esse fato pode se apresentar como uma grande “[...] oportunidade que permite que, filosofando, possamos motivar a reflexão filosófica e, assim, ensinar a filosofar” (PALACIOS, 2007, p. 6). Portanto, retoma-se o que já foi dito por Palacios, que a filosofia serve para que se fuja da ignorância.

A reflexão filosófica, seja qual caminho for tomado no ensino da Filosofia, deve ser o objetivo final de uma aula de Filosofia. Ao concluir o Ensino Básico, o aluno deve ser capaz de refletir sobre a sua realidade, mas essa deve ser uma reflexão problematizada e metódica, que busque a solução dos problemas apresentados. Desse modo, ensinar Filosofia está além de falar sobre problemas filosóficos ou sobre a história da Filosofia, e sim permitir que o aluno se torne autônomo, principalmente no que concerne às suas reflexões. Tendo conseguido isso, a escolha metodológica feita pelo professor terá sido bem-sucedida.

PENSAR A REALIDADE DA COMUNIDADE ESCOLAR É NECESSÁRIO?

Depois de colocar à mesa questões como a importância da teoria e das metodologias num planejamento, e debater sobre o ensino de Filosofia, não podemos deixar de falar sobre a aplicação de práticas pedagógicas voltadas para cada realidade escolar.

A disciplina de Filosofia é, normalmente, ministrada às turmas de 1º a 3º série do Ensino Médio, o que se restringe, na maioria das vezes, a um público de adolescentes, com faixa etária, normalmente, entre 14 e 18 anos. Quando se tem essa informação, podem aparecer metodologias compatíveis com a maturidade e a perspicácia dos alunos dessa idade, mas o que se esquece, em alguns casos, é de considerar o meio em que esses alunos vivem e o meio em que a escola está inserida.

Deve-se considerar o básico, como cidade, população no entorno, meios de transporte utilizados pela comunidade, entre outros. Essas questões são de suma importância quando se compara uma escola do meio urbano, localizada numa capital,

com outra localizada na zona rural, na sede de um pequeno município e até mesmo em comunidades indígenas ou ribeirinhas. O que pode parecer algo insignificante, num contexto diferente pode ser crucial para o desenvolvimento da aula planejada.

Tratando isso com significância, as atividades e as metodologias pedagógicas aplicadas devem considerar tais aspectos. O professor que passa uma determinada atividade, como um trabalho de pesquisa, por exemplo, deve estar informado sobre as condições de pesquisa disponíveis aos alunos, pois, caso não haja esse entendimento, essa atividade pode ser prejudicial aos educandos, não surtindo o resultado esperado e gerando transtornos ou desentendimentos entre os alunos e o professor. Portanto, a investigação do meio em que a escola está inserida pode facilitar o planejamento do professor, auxiliando no aprendizado dos alunos.

A partir de tais informações é que apresentamos a Escola Estadual Desembargador Sadoc Pereira, no município de Alto Alegre, Roraima. A escola está localizada na sede do município, tratando-se de uma das duas Escolas Estaduais que oferecem Ensino Médio no município. Ela recebe alunos da sede do município e das comunidades adjacentes, sendo que cerca de 55% da comunidade escolar provém da zona rural. O município de Alto Alegre tem uma rede elétrica antiga, sofrendo constantemente com quedas de energia, o que prejudica os moradores da localidade, o ambiente escolar e o planejamento dos professores. Nem todos os alunos possuem acesso ao transporte próprio, ou transporte escolar próximo à sua residência, muitos moram em fazendas, sítios e comunidades afastadas, precisando caminhar longos trajetos para conseguir pegar o transporte escolar. Em algumas das comunidades ainda não há rede elétrica instalada, saneamento básico, unidade básica de saúde ou estrada asfaltada que ligue a localidade à sede do município.

O que é observado em Alto Alegre pode ser encontrado em mais da metade dos municípios do norte brasileiro, que possuem estradas que não são asfaltadas e dificultam o acesso, principalmente em dias chuvosos, ou mesmo que não possuem acesso por estradas, dependendo de barcos, que, por vezes, não possuem todos os equipamentos de segurança, como, por exemplo, coletes salva-vidas. Daí a importância de se conhecer a realidade do aluno, pois é necessário considerar o contexto no qual se encontram, para poder adaptar os meios avaliativos, bem como os procedimentos didáticos, na tentativa de não prejudicá-lo com a metodologia aplicada, tendo em vista que muitas dessas

metodologias são, geralmente, formuladas por educadores que se localizam e ministram disciplinas nos grandes centros urbanos, ou ao menos em escolas das grandes capitais, onde a maioria dos alunos possuem acesso: ao transporte rápido, à internet, a computadores, à televisão, ou ainda possuem menos responsabilidades familiares que os alunos da zona rural.

Desse modo, o que se percebe é que são realidades totalmente diferentes e que o professor deve estar atento no seu planejamento. Não adianta aplicar uma metodologia escolar desenvolvida para a zona urbana no meio rural, ou ao menos para uma população onde a grande maioria é moradora da zona rural. Cada realidade possui as suas particularidades e, por isso, o professor deve levar isso em consideração no seu planejamento.

ESCOLA ESTADUAL DESEMBARGADOR SADC PEREIRA: UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

Nos anos de 2015 e 2016, tivemos a oportunidade de trabalhar com o ensino de Filosofia na Escola Estadual Desembargador Sadoc Pereira, em Alto Alegre/RR. Para começar, foram levantadas todas as informações que possuíamos para fazer um planejamento seguro e objetivo, mesclando o livro didático, utilizado pelos alunos da escola, com alguns textos que possuíam uma nova perspectiva de ensino, bem como alguns trechos das obras que estudaríamos no decorrer do ano. Como isso, acreditava-se que o planejamento seria produtivo para as turmas daquela escola. Entretanto, o planejamento estava aberto a alterações, de modo que ainda estávamos tentando entender como realizar essas alterações no decorrer das aulas.

Começamos a lecionar no segundo bimestre do ano letivo, e sempre procuramos conversar com outros professores sobre o exercício da docência, foi então que tivemos nosso primeiro grande choque de realidade, quando solicitamos um trabalho de pesquisa sobre o que estávamos estudando em sala, com data para ser entregue no dia da prova. O resultado do trabalho, entretanto, foi que apenas 40% dos alunos entregou a atividade e cerca de apenas 50% obteve nota satisfatória na prova. Num primeiro momento, pensamos que os alunos não tiveram a responsabilidade de fazer o trabalho, e não estudaram para a prova, mesmo assim, tentamos fazer algumas alterações no

planejamento, pois também precisávamos pensar que tínhamos um grande número de alunos que precisava recuperar suas notas do bimestre seguinte.

No terceiro bimestre, organizamos o conteúdo à base de vídeos (filmes, documentários e vídeos explicativos sobre o conteúdo) e imagens, que deveriam ser trabalhadas juntamente com os textos. As atividades se baseariam na discussão das observações do material a partir do que fosse trabalhado nos textos, o que, aparentemente, funcionaria bem, pois havia funcionado nas turmas de estágio na capital do Estado, na época da graduação; entretanto, isso também não foi produtivo. Tentamos trabalhar os textos de forma muito positiva, pois já conhecíamos as turmas, mas não tínhamos avaliado a estrutura da escola e da cidade, e, como citado acima, ela sofria com quedas constantes de energia, que duravam longos períodos de tempo. Isso nos impossibilitou de levar qualquer material audiovisual e, conseqüentemente, prejudicou as aulas. Assim, a avaliação, que seria feita no comparativo entre os materiais, tornou-se uma prova e um trabalho escrito sobre o texto – nesse momento já havíamos compreendido a dificuldade de acesso à pesquisa pelos alunos, e evitamos passar algo que dependesse exclusivamente do uso de computadores, focando o trabalho apenas em pesquisas nos livros disponíveis na escola.

No final do ano, tínhamos compreendido as limitações da escola e dos alunos, e precisávamos pensar em uma metodologia para que os alunos participassem das aulas, compreendessem o conteúdo e pudessem construir novos conhecimentos, além de fazer avaliações que não sofressem com interferências externas. Essa foi a primeira vez que colocamos em dúvida o nosso ofício e o nosso método. Seria o conteúdo ou a metodologia escolhida que estava nos impedindo de trabalhar o conteúdo com excelência e avaliar com qualidade? Pensando assim, no último bimestre, não programamos nenhum trabalho ou atividade para que os alunos fizessem em casa, focamos todo o desenvolvimento das aulas para dentro do próprio ambiente escolar. Ao invés da leitura e interpretação de textos ser algo que dependesse unicamente do professor, colocamos essa tarefa nas mãos dos alunos, de modo a trabalharmos juntos o seu entendimento, partindo sempre deles. A avaliação foi produzida durante a interpretação, não mais focando em avaliações objetivas, escritas, em que os alunos precisassem responder o que exatamente se esperava com as perguntas, dando assim

mais autonomia ao pensamento do aluno e permitindo a ele começar uma verdadeira reflexão filosófica.

Tendo o ano de 2015 terminado, percebemos que faltava um planejamento que compreendesse o estudo do conteúdo filosófico – a teoria –, com metodologias capazes de traduzi-la da maneira mais adequada aos alunos, através de recursos pedagógicos que pudessem possibilitar instrumentos de avaliação realmente capazes de avaliar o aprendizado. Já havíamos entendido que a realidade das escolas localizadas no município de Boa Vista, capital de Roraima, era diferente da realidade da Escola Sadoc Pereira, que, apesar de não se encontrar diretamente na zona rural, está na sede de um município de pequeno porte, com grande parte da população morando e vivendo das atividades do campo.

Partindo das constatações feitas ao longo do ano de 2015, no ano seguinte pudemos experimentar, através de adequações metodológicas, que é possível alcançar resultados melhores em relação à compreensão e construção de conhecimentos, bem como desenvolver avaliações mais positivas e produtivas. Assim, podemos dizer que houve a produção de quatro materiais que contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos e de outros colegas da escola, já que o material foi apresentado em eventos estudantis, ficando exposto na escola, e estando também disponível na biblioteca. Os materiais desenvolvidos foram: um Dicionário Filosófico, uma variedade de Fanzines, um Varal Cultural e um grande número de Paródias.

DICIONÁRIO FILOSÓFICO

Quando se trata de Filosofia, uma das coisas que lembramos é dos conceitos em diversas línguas e de palavras novas ou com significado diferente do habitual. Foi assim que nasceu a ideia de um dicionário de filosofia. O dicionário, inicialmente, era uma proposta de material de apoio que pretendíamos montar e levar para auxiliar os alunos, mas percebemos que tornar eles parte do processo poderia ser muito mais proveitoso para o seu aprendizado. Partindo dessa ideia, começamos a pesquisar e planejar a prática do projeto.

Partindo do preceito de que os alunos do Ensino Médio já tiveram contato com dicionários ao longo da vida escolar, esse não seria o tipo de material difícil de explicar

o seu funcionamento, principalmente por ter à disposição na escola vários exemplares. Então, na primeira aula, antes mesmo de apresentar o conteúdo, a conversa girou em torno do “que é um dicionário?”, assim, levamos alguns exemplares para a sala e pedimos que eles definissem a resposta. A partir daí, mostramos como funcionava um dicionário de área de conhecimento, propondo, então, o trabalho, que consistiria na construção e montagem de dicionários de filosofia por parte dos próprios alunos.

Como isso funcionaria? A cada aula, enquanto fazíamos a leitura do texto e as dúvidas surgiam, nós elencávamos as palavras. Explicávamos os termos e, em seguida, abríamos para discussão para que todos pudessem colaborar com a significação do termo e desenvolvessem sua tarefa: a de definir o significado daquela palavra. Cada aluno, por sua vez, poderia pesquisar em meios externos (para aqueles que tinham acesso a outros meios), entretanto, cada um deveria ter o seu próprio dicionário, devendo ele expressar o entendimento de um dos vocábulos vistos em sala de aula.

Assim como um dicionário comum, ele deveria estar organizado em ordem alfabética e ter o nome do autor na capa. O trabalho foi um aprendizado verdadeiramente significativo, pois eles começaram a prestar mais atenção às aulas, já que tinham a curiosidade de entender termos que não pertenciam ao seu vocabulário naquele momento. Pudemos verificar que houve um esforço genuíno na aprendizagem, e isso refletiu nas outras avaliações, já que eles começaram a dominar o conteúdo estudado.

Com os dicionários, pudemos avaliar questões básicas do cotidiano da sala de aula, como assiduidade, participação nas discussões, comprometimento com o aprendizado e comportamento, pois a atividade despertou a curiosidade e fez com que os alunos se responsabilizassem pela própria aprendizagem. Além disso, as discussões em sala e a produção textual também foram usadas como metodologia de avaliação da compreensão do conteúdo, visto que o significado de cada vocábulo deveria partir sempre do entendimento do aluno.

VARAL CULTURAL

A palavra varal pode ter vários significados, mas o que todos lembram ao ouvir essa palavra é daquela corda esticada no quintal de casa para estender roupas. Simples, sem muita sofisticação, mas que, nesse caso, foi usado para pendurar ideias.

O varal cultural surgiu da vontade de destacar as reflexões pessoais dos alunos, dando notoriedade e incentivando a produção textual dos mesmos. Ele ficou exposto durante um bimestre inteiro na escola, onde foram utilizadas as janelas das salas como suporte para amarrar a corda onde os trabalhos foram pendurados. Estes, por sua vez, foram produzidos em duas aulas, e deveriam ter uma ideia própria do aluno, um desenho, a letra de uma música, uma poesia, um trecho de diálogo ou de livro que pudesse expressar o conteúdo estudado.

A produção consistia, depois de cada aluno receber uma folha de papel em branco (utilizamos o tamanho A5), em transmitir o que os fizessem lembrar do conteúdo. Como sugestão, mostramos alguns exemplos de músicas, desenhos, charges, etc., considerando serem mais próximos da realidade dos alunos. Entretanto, para nossa surpresa, os alunos trouxeram textos curtos e desenhos autorais, imagens de *posts* de redes sociais, poesias, músicas, charges, e recortes de jornais que abordavam o tema. Além de ter sido surpreendente a produção de material para o varal, percebemos que mesmo que as pessoas não depositem toda sua confiança no sistema educacional, tendo em vista a sua aparente deficiência, ainda é possível ter experiências positivas no Ensino Básico Público.

O varal cultural nos permitiu pensar outras formas de avaliação onde os alunos pudessem usar a sua criatividade, pois ela era o ponto chave da aprendizagem deles. E a intervenção cultural realizada pelo varal não só permitiu que eles se conhecessem como seres que pensam, que possuem reflexão própria, mas também que incentivassem uns aos outros, a partir do momento em que alunos de outras classes passaram a ter curiosidade sobre esse processo criativo, logo, reflexivo.

FANZINE

Fanzine é uma palavra pouco conhecida que se refere a um tipo de revista, de baixo custo, editada por fãs (do inglês, *fanatic magazine*), e pode trazer conteúdos variados ou específicos, como histórias em quadrinhos, poesia, música, cinema etc. No

Brasil é comum ver escritores produzirem fanzines para vender suas obras a um baixo custo de produção, já que o material básico para se produzir uma revista dessa é uma folha em branco, recortes, caneta e, posteriormente, a reprodução do material. Pensando no baixo custo e na praticidade de produção, o fanzine surge aqui como uma proposta metodológica.

Para o desenvolvimento de um fanzine, a instrução dada aos alunos foi “prestar atenção a tudo!”; em cada aula, depois de apresentar e discutir o conteúdo, uma pergunta era feita “com o que podemos relacionar isso?”. Essas duas características foram os guias para esse trabalho, pois os alunos entenderam que precisavam prestar atenção ao que era discutido em sala para que depois observassem as relações possíveis da filosofia com o mundo atual. Foram necessárias duas aulas para a preparação do fanzine, sendo que os alunos deveriam colocar no papel todas as relações encontradas para o assunto estudado. Essas relações poderiam ser feitas através de desenhos, ilustrações, poesias, músicas ou outra forma de expressão que eles pudessem colocar no papel.

Como resultado, foram produzidos fanzines incríveis, pois a absorção do conteúdo foi positiva, uma vez que mesmo sem prestar muita atenção, eles produziam o material que utilizariam todas as vezes que trabalhariam o conteúdo em sala. O fanzine é uma revista despreziosa, mas que brinca com a criatividade de quem produz, e, nesse caso específico, os alunos puderam não só expor seus desenhos, mas também a sua produção textual. Nesse sentido, pudemos avaliar a reflexão feita pelos alunos através da capacidade de relacionar o conteúdo filosófico estudado com questões cotidianas, que eles próprios não percebiam antes, mostrando que muitas questões do dia a dia também podem ser objeto de reflexão filosófica.

PARÓDIA

A paródia é uma imitação de uma obra conhecida, que pode ser literária, teatral ou musical, e às vezes possui característica sarcástica, mas que também é utilizada como método de aprendizagem para regras ou normas de determinadas disciplinas, muito comum em cursinhos no Brasil. Baseados nisso, utilizamos a paródia como método avaliativo, sendo ela composta pelos próprios alunos.

Os métodos aqui apresentados foram desenvolvidos na mesma ordem elencada, o que implica dizer que houve uma evolução ao longo dos bimestres, de modo que no primeiro bimestre o processo reflexivo foi levemente forçado, para que pudessem produzir verbetes do dicionário, enquanto que no segundo os alunos foram além do solicitado, permitindo uma metodologia parecida no terceiro, mas que exigia um pouco mais de criatividade e capacidade reflexiva. O que apresentamos aqui é uma síntese do que foi trabalhado no quarto bimestre, onde a capacidade de produção deveria ser totalmente autoral, dissertando exclusivamente sobre o que foi debatido em sala.

As paródias não tinham como ser expostas no papel, então, abrimos um concurso de paródias, em que cada turma deveria compor e apresentar, em média, cinco músicas (o trabalho foi realizado em grupo), para que, por meio de uma votação, fosse eleita a música representante da turma. Havia na escola sete turmas, das quais saíram sete músicas para serem apresentadas no “Dia do Diferente”, um evento anual da Escola Sadoc Pereira, que tem por objetivo incentivar o respeito àquilo que é diferente. As apresentações renderam muitos aplausos, pois todos apresentaram a música trazendo um diferencial: um violão, um pequeno coral, uma peça antes da música, etc. Os alunos mostraram que compreenderam o assunto e que era plenamente possível relacionar as teorias filosóficas com questões da atualidade através da música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DISCUTINDO AVALIAÇÃO NAS AULAS DE FILOSOFIA

O desenvolvimento de metodologias que englobem teorias filosóficas auxilia o aprendizado do aluno, pois permite que ele teste seu aprendizado, seus conhecimentos e seus limites. Com a experiência adquirida nos dois anos que estivemos na Escola Estadual Desembargador Sadoc Pereira, pudemos perceber as nuances do ensino, onde tudo deve ser considerado como perspectiva educacional. Um dia chuvoso, que falta água ou energia, a véspera de feriado ou o dia seguinte de um show, absolutamente tudo influencia no que acontece dentro da escola e da sala de aula. As aulas possuem a mesma quantidade de tempo, mas como o professor trabalha o conteúdo, como ele planeja suas aulas, como ele utiliza a sua metodologia pode fazer a diferença para seus

alunos. A forma como o professor de Filosofia pensa sua aula pesa sobre a maneira como os alunos aprendem.

Particularmente, não vemos a Filosofia como algo isolado no mundo, no tempo e no espaço; talvez, por isso, sempre procuramos levar aos alunos considerações que os localize na história, apontando a relevância para determinado conteúdo na época em que surgiu. Fazemos isso recordando de um trecho da obra de Renata Aspis (2004, p. 307), que diz:

Hegel ao afirmar que quando se conhece o conteúdo da filosofia não apenas se está aprendendo a filosofar mas que já se está filosofando propriamente. Daí que para ele não é possível ensinar filosofia sem ensinar a filosofar, assim como não é possível ensinar a filosofar sem ensinar filosofia.

O que implica pensar que a filosofia e o filosofar não podem ser dissociados. A Filosofia deve ser ensinada a partir de sua história, o que não significa seguir a linha cronológica para trabalhar os conteúdos, e sim buscar sustentação histórica para a aula preparada. A Filosofia, quando abordada com o auxílio da história, é capaz de proporcionar um conhecimento genuíno, pois dá "[...] condições para o educando conquistar pensamento autônomo" (ASPIS, 2004, p. 309).

O desenvolvimento desse pensamento autônomo é como uma resistência para o professor, visto que o ensino de Filosofia é tido por muitos como algo desnecessário, o que colabora para uma visão da Filosofia como uma disciplina em que se discute questões da vida, fazendo com que os alunos expressem uma opinião, impedindo-os de alcançar um pensamento mais seguro e fundamentado. Sendo assim, o processo de resistência seria um re-insistir, nadando contra a maré e pensando em meios que possibilitem a saída do labirinto de opiniões, e "[...] aproveitar os próprios dispositivos usados pela escola para fazer diferente, para criar outras aulas de Filosofia" (TOMAZETTI, 2009/2010, p. 51).

Após ter passado pelo choque inicial, de realidade, pudemos, em 2016, desenvolver metodologias que aplicassem os pontos aqui apresentados. Com isso, vimos, no decorrer do ano, que a reflexão filosófica foi algo que se desenvolveu, e, como num efeito *degradé*, aquele aluno que iniciou o ano sem conseguir interpretar um texto de Filosofia, terminou realizando sua própria reflexão sobre o mundo. O aluno não questiona, não problematiza seu cotidiano, ele está acostumado a receber as

informações e crer nelas como certas. Mas, a partir do momento que a possibilidade se abre a ele, é como um redescobrimento da própria vida. O ensino de Filosofia como experiência filosófica pode permitir ao aluno alcançar o pensamento autônomo.

Lembrando que a reflexão filosófica proposta aqui não se trata de um pretexto para transformar as aulas de Filosofia numa roda de conversa, não se avaliando nada, pois todas as reflexões estão certas. Não! O ensino de Filosofia no Ensino Básico precisa ser avaliado, e essa avaliação também deve ser feita de forma objetiva. A avaliação não deve ser aplicada pendendo para nenhum extremo, pois quando se avalia apenas de forma subjetiva corre-se o risco de a discussão cair no campo da opinião e fugir totalmente aos objetivos propostos em sala de aula, porém, avaliações puramente objetivas comprometem o desenvolvimento do aluno no campo argumentativo, dificultando desde a concatenação de ideias até a sua produção textual.

Deve-se ter em mente que a Filosofia dispõe de um quantitativo grande de conteúdos, permitindo que possam ser trabalhados de variadas formas, por isso “[...] também é necessário que se desenvolvam instrumentos avaliativos da aprendizagem de tais conteúdos de forma a fortalecer o ensino dessa disciplina na Educação Básica” (DIAS, 2009, p. 62).

Foi pensando nisso que o planejamento das aulas ministradas em 2016 continha os seguintes objetivos: trabalhar conteúdos específicos de Filosofia, proporcionar abertura para diálogos nas aulas, aplicar metodologias avaliativas que fossem possíveis de desenvolver, levar em consideração as especificidades do local e da realidade da escola. Dessa forma, foi possível capacitar os alunos para as provas objetivas, que eram organizadas bimestralmente pela escola, no modelo de provas simuladas para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nota-se, assim, que a adequação de novas metodologias para o ensino de Filosofia e as condições da realidade local proporcionaram conquistas aos alunos da Escola Sadoc Pereira, como seres humanos e estudantes, bem como aos educadores e à escola como um todo, que foi capaz de olhar a Filosofia com outros olhos.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. *O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica*. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação, 1999.

CISNEROS, Leandro. *Ensino de filosofia: pergunta filosófica, proposta metodológica e compromisso político*. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 19-30, nov./abr. 2009/2010.

DIAS, Marinês Barbosa de Oliveira. *Avaliação em Filosofia sim! Por que não? Uma proposta para a elaboração de instrumentos avaliativos da aprendizagem de filosofia na educação básica*. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 54-63, nov./abr. 2009/2010.

DIAS, Silvano Severino. *O ensino de filosofia e o desafio curricular: uma relação entre conhecimento e poder*. **Poros**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 78-93, 2009.

MEUCCI, Arthur; FILHO, Clóvis de Barros. *O que “ensinar filosofia” quer dizer?* **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 76-92, nov./abr. 2009/2010.

PALACIOS. José Gonzalo Armijos. *De como ensinar o indefinível*. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 3-10, nov./abr. 2009/2010.

_____. *Ensina-se a filosofar, filosofando*. **Philosophos**, v. 12, n. 1, p. 79-90, jan./jun. 2007.

TOMAZETTI, Elisete M. *Sobre o ensino, aprendizagem e resistência na aula de filosofia do ensino médio*. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 41-53, nov./abr. 2009/2010.

VELASCO, Patrícia Del Nero. *Sobre o lugar da lógica na sala de aula*. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 64-75, nov./abr. 2009/2010.

VICENZI, Vinicius B. *Como a recepção da filosofia interfere no seu modo de ensino?* Uma discussão a partir de alguns interlocutores de Sócrates. **Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro, 13, p. 93-108, nov./abr. 2009/2010.